

E tu, o que fazes?¹ Ou, em que consiste o tornar-se cristão, segundo João Clímacus

And what are you doing? Or, what does becoming a Christian consist of, according to John Climacus

Matheus Felipe Vietro Silva²

1 Cf. KIERKEGAARD, Soren. Pós-Escrito às Migalhas filosóficas, vol. I. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 195.

2 Bacharel em Direito na Universidade de Franca (UniFran), Advogado e pesquisador no Laboratório Invisível – Invisible College – A Multidão é a Mentira?. matheusvietro@hotmail.com.

Resumo

Há de se convir que uma Igreja envolvida com missões apreciaria a oportunidade de influenciar sua cultura e entorno, de modo que, ver todo um País ser reconhecido como cristão pode ser o auge do trabalho evangelístico. Todavia, o presente artigo analisará a importância da subjetividade para o tornar-se cristão, segundo o pensamento de Soren Kierkegaard. A partir da leitura da segunda parte da obra Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas, escrita sob o pseudônimo de Johannes Climacus, em “O problema subjetivo – A relação do sujeito com a verdade do cristianismo, ou o tornar-se cristão”, o autor desenvolverá um olhar crítico para o tratamento massificado do cristianismo, valorizando a prática cristã em detrimento de uma confissão desinteressada e genérica; o autor advoga por uma fé com implicações na existência do sujeito.

Palavras-chave

kierkegaard; massa-cristã; tornar-se cristão; cristandade; salto de fé.

Abstract

It must be agreed that a Church zealous in missions would appreciate the opportunity to influence its culture and surroundings so that seeing an entire country recognized as Christian can be the pinnacle of evangelistic work. However, this article will analyze the importance of subjectivity in becoming a Christian, according to the thoughts of Soren Kierkegaard. After reading the second part of the work *Concluding Unscientific Postscript to the Philosophical Fragments*, written under the pseudonym Johannes Climacus, the author will develop a critical look at the mass treatment of Christianity, valuing Christian practice to the detriment of a disinterested and generic confession; the author advocates for faith with implications for the existence of the subject.

Keywords

kierkegaard; Christian mass; become Christian; leap of Faith.

1. O miserável indivíduo avulso³

O alvorecer do mundo pós reforma protestante, ou este “*novo período extremamente importante da teologia cristã ocidental*” (MACGRATH, 2005, p. 95) inaugurado no século XVI, colidiu com um contexto sociocultural desafiador no século XIX. Em “*Um conto de duas cidades*”⁴, o romancista Charles Dickens escreve sobre o impacto das revoluções deste período nas cidades de Paris e Londres, e como cada metrópole encarna suas próprias ambições com características distintas. A história é ambientada durante a Revolução Francesa e a Era Vitoriana na Inglaterra, e é famosa por capturar vividamente a atmosfera conturbada e os eventos históricos próprios de seu tempo.

As transformações sociais, políticas e filosóficas compelidas pela modernização, revolução industrial e pelo iluminismo, se estenderam por todo o ocidente, trazendo consigo mudanças na forma como a religião era percebida e praticada. Com isso em mente, compreende-se que, ainda que a Dinamarca do século XIX continuava a ser um Estado luterano, com a Igreja Luterana ativamente envolvida em todos os aspectos da sociedade, desde o processo legislativo, a compreensão da moralidade, até a produção artística, o novo cenário social e filosófico implicou em um cristianismo

³ *Ibidem*, p. 53.

⁴ DICKENS, Charles. *Um conto de duas cidades* [Título original: *A Tale of Two Cities*, 1859]. Tradução Sandra Luzia Couto. São Paulo: Nova Cultural, 2011.

institucionalizado que tinha como condição a fabricação de uma “massa cristã” desinteressada, alterando completamente a percepção da fé e do que significa ser um cristão.

Isso porque, se em outros contextos chamar-se cristão exigia veemente coragem, no país nórdico em questão, todos eram considerados cristãos e, dessa vez, o risco estava do outro lado: exigia-se coragem para questionar a fé (KIERKEGAARD, 2013, p. 55). Para Soren Kierkegaard, não se tratava do triunfo da cristandade⁵ ante à vida pagã. Na verdade, todo o sistema sob o qual se sustentava a organização religiosa da época era erguido no chão racionalista hegeliano⁶, e não no compromisso com o evangelho de Cristo.

Depreende-se do primeiro capítulo do *Pós-Escrito às Migalhas filosóficas* a divergência do autor para com a abordagem racional da fé que era usual em sua época. Ele observou que a cristandade dinamarquesa, tomada por um método filosófico - à saber, a dialética hegeliana, como há de ser desenvolvido adiante -, seria responsável por mediar a relação dos indivíduos com Deus. Sua oposição a esse modo de agir é construída a partir da identificação do *problema objetivo*: o tom absoluto e universal atribuído à razão humana e o método dialético com que tratavam o cristianismo soava contraditório para o autor.

Johannes Climacus, pseudônimo que assina a obra, por exemplo, não se considerava um cristão. Ainda assim, ele era capaz de “assimilar” racionalmente a “verdade” do cristianismo - sem comprometer-se em nada com essa verdade. Colocava-se como um indivíduo avulso no meio de uma multidão distraída, questionando o aparentemente inquestionável.

Neste contexto, o pseudônimo é descrito como “*um homem que vive na cristandade e não consegue ser cristão, vive no tempo dos sistemas e não consegue ser filósofo. Johannes Climacus é um cético, alguém que gostaria de crer e de pensar, mas não consegue*”⁷.

A forma com que o autor critica seu contexto evoca-nos ao conto machadiano *O Alienista*, onde o ambiente cientificista era admitido devotamente, sem nenhuma razoabilidade e ponderação:

5 Cristandade é um conceito relevante para o pensamento *kierkegaardiano*. Esta era a forma com que o autor se referia (de maneira crítica) ao supramencionado cristianismo institucional. Sobre esse assunto, cf. a distinção de cristandade e cristicidade em: VALLS, L. M. Álvaro. Sobre as críticas ao cristianismo e à cristandade em Nietzsche e em Kierkegaard. Síntese, Belo Horizonte, v. 34, n. 110, 2007, pág. 387-409.

6 Para compreender o contexto pós-hegeliano com o qual o autor conversava e examinava, especialmente quanto à influência de um método histórico no pensamento de toda a Europa do século XIX (inclusive na consciência da cristandade dinamarquesa), ver: LÖWITZ, Karl. De Hegel a Nietzsche: a ruptura revolucionária no pensamento do século XIX: Marx e Kierkegaard. Tradução de Flamarion Caldeira Ramos e Luiz Fernando Barrère Martin. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

7 PAULA, Marcio Gimenes de. É Preciso Duvidar de Tudo? *Philosophos* - revista de filosofia. Ano 8, n.2, pp 273-276, jul/dez 2003.

Sobre o lábio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à comiseração, mas nenhuma palavra saiu de suas egrégias entranhas. A ciência contentou-se em estender a mão à teologia, - com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra⁸.

O *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas* sugere que a expressão de uma “religião objetiva” é construída a partir de dois aspectos: 1) apoiado no ponto de vista histórico; ou, 2) apoiado no ponto de vista especulativo. No primeiro caso, admite-se a verdade do cristianismo a partir de uma análise histórica, tendo a igreja visível e a Bíblia como elementos centrais para a investigação. Já o segundo caso, cuja característica é chamada de especulativa, método próprio da abordagem filosófica hegeliana, entende-se que se admite a verdade do cristianismo a partir da compreensão (e especulação) de alguns dogmas, aceitando-os intelectualmente.

A crítica ganha corpo considerando que o “tornar-se cristão”, nestes dois casos, não demanda nenhuma implicação à existência dos sujeitos. No final do dia, a mediação exercida pelo cristianismo institucionalizado da época não culminou em um Estado que vive o evangelho, mas sim em uma fábrica de cristãos atrofiados.

2. O homem-massa e a massa-cristã

Eis o núcleo da obra: o problema do tornar-se cristão. O autor debruça-se sobre a responsabilidade acerca da decisão em tornar-se um seguidor de Cristo. Para ele, havia uma massa desinteressada, levando consigo o nome de cristãos (aos quais ele se refere como crmandade), que não se preocupavam com os impactos que tal título deveria acarretar em suas existências. Viviam, então, na ilusão de que, por serem dinamarqueses, possuíam, reflexamente, as qualidades da massa cristã.

Se todos estão na ilusão, dizendo-se cristãos, e se é necessário trabalhar contra isso, esta noção deve ser dirigida indiretamente, e não por um homem que proclama bem alto que é um cristão extraordinário, mas por um homem que, mais bem informado, declara que não é cristão⁹.

8 ASSIS, Machado de. O alienista; introdução de John Gledson; notas de Hélio Guimarães. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014, p. 37.

9 KIERKEGAARD, Soren. Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor. Edições 70 - Lisboa, Portugal. p. 39.

Jose Ortega Y Gasset¹⁰, em *A rebelião das massas*, desenvolve o pensamento de que a partir do século XIX, a “massa” passou a ser uma questão filosófica e moral relevante. Isso porque, para ele, a partir desse ponto o sujeito teria perdido o interesse em seu próprio desenvolvimento e passado a seguir ideias propostas por outras pessoas - se deixando levar pelo infeliz desejo de pertencimento. O homem-massa, para Ortega Y Gasset, busca conformar-se com a maioria, sem esforçar-se, sem interessar-se genuinamente por nada, apenas para fazer parte de um grupo. Em outras palavras, torna-se um indivíduo sem individualidade.

O filósofo espanhol apresenta uma crítica ampla, apontando para o desinteresse em termos de desenvolvimento cultural e intelectual, já Soren Kierkegaard aborda a questão do ponto de vista da autenticidade da fé e do compromisso espiritual. Com as devidas ressalvas, se tomarmos, então, o conceito de homem-massa de Ortega Y Gasset e examinarmos o cenário com o qual Kierkegaard conversava, podemos dizer que havia ali uma outra massa: a massa-cristã. Uma porção de pessoas sem nenhum interesse genuíno sobre a verdade eterna do cristianismo, mas apoiados (com uma postura religiosa) em uma estrutura filosófica, marcando sua fé com o lápis de um sistema – e não com o sangue do cordeiro.

Adotando uma postura socrática¹¹, o pseudônimo passa a questionar a forma com que a cristandade dinamarquesa vivia sua fé. Se Sócrates, ao caminhar e conversar com os “sábios” de Atenas, descobriu que eles não eram tão sábios assim, Johannes Climacus está a perceber que os “cristãos” de Copenhague não são tão cristãos assim. A conclusão socrática foi que ao menos ele [Sócrates] sabia que não sabia, diferente de seus pares que pensavam conhecer a verdade. Climacus, a exemplo de Sócrates, sabia que não era um cristão formidável - sabia que era incapaz de imitar Cristo, o exemplo cristão - diferente da massa que acreditava o ser. Aqui, a conexão entre o sofista e o religioso dinamarquês: um se diz ser sábio, o outro se diz cristão - ambos não são:

Eu não me chamo cristão, não digo a mim mesmo que sou cristão... isto soa quase

10 José Ortega Y Gasset foi um filósofo espanhol do Século XX muito influenciado pelo pensamento de Kierkegaard. A exemplo do dinamarquês, Ortega Y Gasset pensou sobre a importância da interioridade; da vida ser vivida a partir do interior, da subjetividade. Cf. ORTEGA Y GASSET, J. *Temas de viaje. El espectador IV. Obras completas. 3ª reimpresión. v. II.* Madrid: Alianza, 1998, p. 378 e ss.

11 Sócrates ocupa um lugar significativo para o autor: é notável que a atitude socrática não se propunha a estabelecer uma filosofia sistemática, organizada, positiva, amarrando as pontas do conhecimento; na verdade, a postura socrática é conhecida justamente pelo oposto. Através de um conhecimento “negativo”, o método de Sócrates, tomado de ironia, apresenta perguntas (e não proposições). Ele não constrói afirmações, mas desmonta certezas e, a partir daí (da dúvida/do negativo), estabelece sua forma de “filosofar” (KIERKEGAARD, 2013, p. 216 e ss.). Ver também: KIERKEGAARD, S. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates.* 2ª edição. Tradução de Álvaro Valls. Bragança Paulista: EDUSF, 2005.

como uma forma de loucura, neste mundo cristão onde todos e qualquer um, são cristãos, onde ser cristão é algo que todo mundo simplesmente é... especialmente alguém a quem o cristianismo importa no grau que importa a mim. Mas não pode ser de outra forma... Eu não posso estar a serviço da legião de mercadores velhacos, refiro-me aos sacerdotes, que falsificando a definição de cristianismo pelo bem dos lucros nos negócios adquiriram milhões e milhões de cristãos. Eu não sou cristão - e infelizmente sou capaz de tornar evidente que outros também não o são, sim, ainda menos do que eu. Pois eles imaginam que são cristãos¹².

A famosa ideia de que *“tudo o que não é eterno é eternamente inútil”* (LEWIS, 2017, n.p.) escrita com a finalidade de defender a importância das verdades eternas em um contexto moderno que às relativizava, associa-se bem com a proposta do *tornar-se subjetivo*, apresentada na 2ª Seção do *Pós-Escrito*. Ainda que Kierkegaard adote uma abordagem filosófica e existencial diferente da postura apologética de Lewis, a icônica frase do professor de Oxford se acomoda na a crítica à superficialidade da fé institucionalizada apresentada por Soren Kierkegaard.

Se, por um lado, o coração desses crentes era cativo do método histórico; se a dialética histórica se tornou a religião deles; o oposto seria desgarrar-se da massa, substituir a vida despreocupada por um interesse genuíno e eterno. A apologia à subjetividade se apresenta neste tom: a responsabilidade em tornar-se cristão é grave, marcante, significativa demais. Sendo assim, não deve ser resolvida de maneira impessoal, a partir de uma conformação à massa. *“A expressão do esforço máximo da subjetividade é o interesse infinitamente apaixonado por sua felicidade eterna”* (KIERKEGAARD, 2013, p.58). Isto posto, tornar-se cristão requer um compromisso pessoal, subjetivo, exige do indivíduo um interesse genuíno pela verdade eterna.

1.2. O abismo entre o tempo e a eternidade, entre a angústia e a paixão

Todo o problema da verdade do cristianismo reside na decisão (*Ibidem*, p. 133). O caminho pelo qual tomamos essa decisão revela o destino para onde estamos mirando. Por um lado, se ensina que o tornar-se objetivo é o caminho a ser seguido, que este é o recurso para se alcançar a verdade. O outro caminho, no entanto, é o que o autor diz ser o próprio cristianismo, ensinando-nos o “tornar-se subjetivo”, orientando-nos a retornarmos ao sujeito (*Ibidem*, p. 135).

Não se trata de uma mera briga por palavras. Não é que Johannes Climacus seja alguém afetado pelos termos, buscando rixa para estabelecer um conceito que julgava mais bonito e completo. Para ele, o “pensar subjetivamente” conduzia o indivíduo

12 KIERKEGAARD, 2019, np.

por um caminho completamente distinto do que ele chamou de “problema objetivo”. “*Não há aqui uma questão a respeito da verdade do cristianismo, no sentido de que, se fosse resolvida, a subjetividade haveria de aceita-la com desembaraço e boa disposição*” (Ibidem, p. 133 e 134). Trata-se de uma busca pela verdade que, se marchada pelo caminho objetivo, não levará a lugar nenhum.

Neste sentido, “*para que isso não pareça uma disputa por palavras, fique dito que o cristianismo quer justamente potencializar a paixão ao seu extremo, mas a paixão é justamente a subjetividade, e objetivamente ela não existe de modo algum*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 135 e 136).

O que está sendo dito é que, ainda que o esforço racional avance em direção ao que é eterno, chegará a hora na qual, impreterivelmente, o chão sumirá de debaixo dos nossos pés. Então, o implacável precipício toma novamente o seu lugar, encarando-nos: ao abismo que separa a história do eterno, o transcendente do imanente, não é possível construir nenhuma ponte racional para atravessá-lo.

Logo, “*a summa summarum [lat.: soma total] disso é a incerteza objetiva, mas precisamente por isso a interioridade é tão grande, porque a interioridade abrange a incerteza objetiva com toda a paixão da infinitude*”. (KIERKEGAARD, 2013, p. 215). Desta vez, o que sobra é um sujeito *angustiado*¹³, congelado, sem fé, olhando para o intransponível sem qualquer esperança que o defenda de sua condição.

Às manobras científicas para superar esse grande abismo o autor responde com ironia. Para ele, todo esse esforço resultaria em distanciar-nos ainda mais da verdade:

Mas quando uma geração, em masse, quer mostrar sua incompetência de modo histórico-universal, quando, desmoralizada por isso, tal como se jogasse na loteria, rejeita o bem supremo, quando uma especulação não quer ser isenta de interesse, mas causa dupla confusão, primeiro por saltar por cima do ético, e em seguida por propor algo histórico-universal como sendo a tarefa ética para os indivíduos – então a própria ciência aprecia que se diga algo a respeito. Não, louvada seja a ciência, louvado todo aquele que espanta a criação de seu santuário” (KIERKEGAARD, 2013, p. 157).

Para o homem, só é possível encarar o drama da existência existindo. Digo, não é possível abstrair-se da vida - não dá para procurar a verdade sem existir. O autor deduz que “*todo o conhecimento essencial tem a ver com a existência*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 208).

Se o caminho objetivo busca a verdade por uma ponte de fumaça, o caminho

¹³ Trata-se de outro conceito importante para o autor, usado especialmente para descrever o estado oposto ao tornar-se si mesmo; se há, por uma via, o tornar-se cristão, o outro caminho levaria o sujeito à uma condição de angústia. Cf. KIERKEGAARD, S. (2010). O conceito de angústia (A. L. M. Valls, trad). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1844).

da subjetividade pode ser visto como um salto em direção ao eterno¹⁴. Não importa qual a distância do abismo que precisa ser superada pelo salto (não é uma questão quantitativa¹⁵). O que importa é a forma com que o sujeito se relaciona com a verdade (saltando/existindo). Em outras palavras, se, no caminho objetivo, “*reflete-se sobre o ser este Deus verdadeiro*” ou não, subjetivamente a preocupação gira em torno de como o sujeito se relaciona, “*de tal modo que sua relação seja, em verdade, uma relação com Deus*” (*Ibidem*, p. 210).

Que isso fique aqui apenas dito previamente para chamar atenção ao que vai ser exposto na Segunda Parte: que por esse caminho o problema jamais surgirá de forma decisiva, isto é, nem se apresenta, porque o problema reside precisamente na decisão. Mesmo que o pesquisador científico trabalhe com zelo infatigável, mesmo que abrevie sua vida no serviço entusiástico da ciência; mesmo que o pensador especulativo não poupe tempo nem aplicação: eles não estão, no entanto, infinitamente, pessoalmente, apaixonadamente interessados; ao contrário: nem mesmo querem estar. Sua observação pretende ser objetiva, desinteressada. No que tange à relação do sujeito com a verdade reconhecida, aí se supõe que, tão logo a verdade objetiva tenha sido alcançada, a apropriação fica sendo coisa de pouca monta, segue como um brinde, e em última análise, tudo o que tem a ver com o indivíduo é indiferente. Nisso se baseia, justamente, a realçada calma do pesquisador e a cômica irreflexão de quem apenas conversa sobre o que leu¹⁶.

A transição para o caminho subjetivo é, neste passo, uma transição de fé. Caminhar por esse rumo significa que a relação do sujeito com a verdade eterna não será marcada pela angústia de alguém que não conhece sua essência. Substitui-se esse desconsolo pela paixão.

2. A urgência da paixão infinita

14 Neste sentido: “*Enquanto o pensamento objetivo é indiferente quanto ao sujeito que pensa e à sua existência, o pensador subjetivo está, como existente, essencialmente interessado em seu próprio pensamento, está existindo nele. Por isso, seu pensamento tem outro tipo de reflexão, ou seja, o da interioridade, da posse, pelo qual ele pertence ao sujeito e a ninguém mais. Enquanto o pensamento objetivo investe tudo no resultado e leva toda a humanidade a trapacear, copiando e repetindo de cor o resultado e a resposta, o pensamento subjetivo investe tudo no devir e omite o resultado, em parte porque este justamente pertence a ele, já que ele possui o caminho, e em parte porque ele, como existe, está continuamente no devir, como todo ser humano que não se deixou enganar para tornar-se objetivo, para se converter, de modo não humano, na especulação*” (*Ibidem*, p. 76).

15 Vale dizer, à vista disso, que o autor pretende dar outra *qualidade* à dialética, trazendo-a de volta para o indivíduo; ou, dito de outro modo, superando a dialética histórica e incluindo o sujeito no diálogo com a realidade (*Ibidem*, p. 214 e 215).

16 KIERKEGAARD, 2013, p. 27 e 28.

Para Johannes Climacus, a doença de uma relação objetiva com a fé segue-se da desproporção entre a verdade histórica e especulativa, e o interesse genuíno pela verdade eterna. Depreende-se de seu texto que a fé não se resume à um conjunto de doutrinas para serem assimiladas; a salvação humana não é destinada àqueles que encontram determinado saber nem memorizam uma porção de dogmas.

A despeito de sua ironia para com o pensamento corrente em seu contexto, parece claro que ele não desprezava toda a razão ou exercício da racionalidade. Na verdade, sua consideração pretende defender que há limite para o conhecimento objetivo (e para a racionalidade). Além do que, a verdade do cristianismo deveria implicar em alguma consequência na vida dos sujeitos; há uma inferência existencial para ser considerada, e não só uma abstração a ser assimilada¹⁷.

O que realmente preciso é ter claro o que devo fazer, não o que devo saber, exceto até o ponto em que o saber deve preceder qualquer ato. O que importa é encontrar uma finalidade, ver o que realmente Deus quer que eu faça; a coisa crucial é encontrar uma verdade que seja verdade para mim, encontrar a ideia pela qual eu esteja disposto a viver e morrer. Qual seria a utilidade de descobrir uma verdade dita objetiva, trabalhar os sistemas filosóficos para que pudesse, se questionado, fazer julgamentos críticos sobre eles, pudesse apontar as falácias em cada sistema; de que me serviria estar apto a desenvolver uma teoria do estado, tomando detalhes de várias fontes e combinando-os num todo, e construindo um mundo no qual eu não vivesse, mas que eu apenas apresentasse para que os outros o vissem; de que me serviria ser capaz de formular o sentido do cristianismo, ser capaz de explicar muitos pontos específicos - se isto não tivesse um sentido mais profundo pra mim e para minha vida (KIERKEGAARD, 1967, p. 78).

Ele “*não se esquece, nem por um instante, que o sujeito é existente*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 207). Com isso, a busca pela verdade far-se-á assim: com os pés no chão da vida. Não há tempo para imaginar a verdade ou tê-la como uma fantasia distante. O sujeito existente, que conhece todos os embaraços que o viver o acomete, não se aventura em experimentar o moroso, desapaixonado e longo caminho do saber objetivo. “*Para o saber subjetivo toda demora é fatal, e a decisão é tão infinitamente importante que é imediatamente tão urgente, como se a oportunidade já tivesse passado em vão*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 212).

17 “*Cristo não nomeou professores assistentes - mas imitadores e seguidores [Efterfølgere]. Quando o cristianismo... não se reduplica naquele que o apresenta, ele não apresenta cristianismo; pois o cristianismo é uma comunicação existencial e só pode ser apresentada - existindo*”. KIERKEGAARD’S Journals and Papers (6 Vols plus Index) ed. & trans. Howard & Edna Hong. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1967, p. 78.

2.1. O “pathos”, a história e o dogma

O apelo pelo viver apaixonadamente a fé, relacionando-se com a verdade, põe ênfase no *como* em relação ao *o que* (*Ibidem*, p. 213). Dito de outra forma, Climacus entendia que um amontoado de categorias de pensamento objetivo não podem levar um sujeito à verdade. Isso porque, segundo o autor, não há decisão que vincule o sujeito e sua existência dentro dessas categorias de pensamento. Por outro lado, “*o “como” é a paixão pela infinitude*” (*Ibidem*, p. 214), é o interesse genuíno, o decisivo: é a própria subjetividade.

A declaração é de que a confessionalidade aparente (*o que*) precisa ser assaltada pelo Espírito Santo, e então, o comprometimento com o evangelho passará a ser percebido na existência (*como*). Elementos magníficos do cristianismo como a história da Igreja, a Bíblia e as doutrinas cristãs, podem ser conhecidas e confessadas objetivamente, mas ainda assim, resultar em uma singela aproximação à verdade. Trocando em miúdos, é possível que uma pessoa tenha uma postura curiosa com relação às Escrituras e à doutrina sem, no entanto, ter um compromisso pessoal com a fé.

Não se procura, com isso, diminuir o valor dos dogmas nem da santa Bíblia Sagrada. Sugere-se, na verdade, que o contato objetivo com os elementos da fé correspondem à uma aproximação, e que a mensagem do evangelho não é (apenas) sobre a história da Igreja com seus dogmas, mas, acima de qualquer outra narrativa, trata-se da vida do Cristo¹⁸ e da sua obra de redenção.

Logo, a reforma há de ser vista para além dos dogmas e organização eclesiástica: a fé há de ser vivida!¹⁹ Utilizar a história da igreja para tornar pessoas (ou um país, no contexto do autor) cristãs é, no fundo, um esforço inútil (KERKEGAARD, 2013, p. 52). A despeito de sua discordância com o *modus operandi* do luteranismo dinamarquês do século XIX, Kierkegaard acreditava que eles [o clero luterano] contrariavam o próprio espírito reformador de Lutero:

Poderia ser apropriado alguma vez memorizar um dos sermões de Lutero e apresentá-lo sem dar nenhuma pista disto - e então ver como o clero ficaria furioso

18 Neste mesmo sentido, a crítica do teólogo suíço Hans Küng à teologia protestante de seu tempo: “O *biblicismo tem sido um perigo permanente para a teologia protestante. O fundamento real da fé, então, não é mais a mensagem cristã, nem o próprio Cristo proclamado, mas a palavra bíblica infalível. Assim como muitos católicos crêem menos em Deus do que em “sua” igreja e “seu” papa, numerosos protestantes crêem em “sua” Bíblia. A apoteose da igreja corresponde à apoteose da Bíblia*”. KÜNG, Hans. *Theologie im Aufbruch: Eine ökumenische Grundlegung*. München: Piper, 1987, p.72.

19 Ao tratar sobre o “pai da fé”, Jonas Madureira explica que Abraão é um exemplo de “obediência simples”, alguém que vive a verdade para além de conjecturas desencarnadas: “*A resposta de Abraão não foi mediada por uma confissão oral de sua fé, mas, sim, por um ato de obediência simples*”. MADUREIRA, Jonas. *Inteligência humilhada* – São Paulo: Vida Nova, 2017, p.170.

- e depois dizer: Este é um sermão de Lutero, palavra por palavra²⁰.

Ainda que o sujeito fosse capaz de estudar a verdade histórica mais complexa de todas, se essa verdade não lhe alcançar o coração ele poderá continuar absolutamente desinteressado com o divino. Portanto, a questão sob a qual nos debruçamos não é o *no que eu devo crer para ser cristão*, mas o *que ocorre com o sujeito quando este se torna um cristão*.

2.2. A redenção da cristandade: o evangelho encarnado

A questão relevante para o autor não é se o cristianismo é verdadeiro ou não; mas como eu, subjetivamente, me envolvo com ele. O nascimento e batismo de uma criança em solo dinamarquês, a inserção de um nome à lista de membros da Igreja, tais coisas não seriam competentes para envolver completamente o indivíduo com a responsabilidade do evangelho.

Deduz-se de seu *Pós-Escrito* que é necessário um encontro com Cristo, uma relação pessoal com Deus, um novo nascimento para que nos envolvamos com Ele. Se é o paganismo que se molda pela exterioridade e aparência, o cristianismo deve ser o oposto: deve se moldar pela relação interior²¹. Assim, o acesso à cristandade, ou melhor, à Cristo, está à um *salto* de distância do sujeito – não depende de um contexto geográfico específico ou de um privilégio hereditário, mas está sujeito à fé, à paixão infinita, ao compromisso pessoal e individual com o próprio Cristo.

Para o autor, o contexto pouco importa para a verdade do cristianismo. Na verdade, ele sustenta que é justamente por não podemos prever os contextos da vida que temos que crer. O compromisso pessoal com a Verdade mora precisamente na relação subjetiva:

Se eu posso aprender objetivamente Deus, então eu não creio; mas, justamente porque eu não posso fazê-lo, por isso tenho que crer; e se quero manter-me na fé, de modo que, na incerteza objetiva, eu estou sobre “70.000 braças de água”, e contudo creio²².

20 KIERKEGAARD'S Journals and Papers (6 Vols plus Index) ed. & trans. Howard & Edna Hong. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1967, p. 78.

21 Neste sentido: “*O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria*”. KIERKEGAARD, Soren. O Desespero Humano (Doença até a morte). Coleção Os Pensadores. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1988, p. 09.

22 KIERKEGAARD, 2013, p.215.

Defender que a verdade é a subjetividade (KIERKEGAARD, 2013, p. 220) não é o mesmo que dizer que há tantas verdades quanto há sujeitos. A defesa da verdade subjetiva não é uma argumentação pró-relativismo. Como já foi dito, a busca do autor não é pela rejeição completa de todo pensamento objetivo. Uma leitura honesta deve compreender que, quanto à verdade do cristianismo, a importância do pensar subjetivamente é expressa na relação do indivíduo com a verdade (ou com Deus).

Encarnar o evangelho relaciona-se com o existir à luz da cruz de Cristo – e o existir é fundamental para a cristandade (para o ser cristão). Talvez seja forçoso dizer que a subjetividade corresponde a todo o cristianismo. Apesar disso, é inegável que a verdade do cristianismo é expressa, também, na subjetividade²³. No mais, assim como a verdade objetiva pode adoecer uma massa de cristãos, é possível que o *subjetivismo lunático* também se torne uma enfermidade, transformando a massa em um grupo de cristãos quixotescos²⁴: uma massa descolada de seu contexto, que não sabe olhar para fora, vivendo outra fantasia (tal qual a fantasia da verdade objetiva), e completamente separada de sua existência real.

Nada obstante às ponderações convenientes acerca do pensamento do autor, destaca-se sua preocupação em viver a fé com honestidade: a redenção da cristandade não está apenas em uma esperança escatológica, mas também na conversão real, na relação transparente e responsável de um indivíduo apaixonadamente interessado por Cristo, na redenção existencial do sujeito.

3. Considerações Finais

Dentro do que se propõe com o presente estudo, é possível perceber que o autor contrapõe a influência da racionalidade com a primazia da fé. Não é que, a partir do exercício de se pensar subjetivamente, amarraremos todas as pontas do drama da existência. Não é que será possível ao sujeito compreender o arranjo completo da vida humana a medida em que olha para si, envolvido em sua subjetividade – sem apontar

23 Eis a demonstração de um indivíduo comprometido com a verdade: “*Abraão fica completamente só. Uma vez mais, ele é totalmente indivíduo, como quando saiu da casa de seu pai. Aceita o chamado tal como foi pronunciado; não procura interpretá-lo ou espiritualiza-lo; aceita a palavra de Deus e está pronto a obedecer*”. BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 55.

24 Neste aspecto: “*Quando a demência é um delírio da interioridade, o trágico e o cômico consistem em que algo que é infinitamente importante para o infeliz seja um detalhe fixado que não tem importância para ninguém mais. Quando, pelo contrário, a demência consiste na ausência de interioridade, o cômico está em que aquilo que o feliz sabe, é o verdadeiro, o verdadeiro que importa a todo o gênero humano, mas que pura e simplesmente não tem importância alguma para o muito honrado orador de lengalenga*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 206 e 207).

para qualquer direção.

Ao invés disso, o texto parece chamar o indivíduo para experimentar o paradoxo entre o temporal e o eterno, sendo sensível à sua própria incompreensibilidade, sensível à sua subjetividade e ao próprio Deus. Sua crítica mira em um compromisso subjetivo e apaixonado que não podia ser mediado ou compreendido completamente por abstrações genéricas.

A honestidade característica da escrita de Soren Aabye Kierkegaard nos permite inferir pressupostos que transcendem a *“razão objetiva e as medições lógicas”* (ROOS, 2022, p. 83). Neste sentido, há uma subjetividade que mira levar o sujeito à Cristo, compreendendo que o infinito *“penetra na finitude, o eterno entra no tempo, o universal [...] se particulariza – sem perder sua universalidade”* (Id.).

O trabalho de Kierkegaard não consistia em pregar o cristianismo, inovar na compreensão doutrinária da Igreja, tampouco estabelecer uma revolução na interpretação filosófica da religião cristã. Na verdade, busca desenterrar aspectos essenciais do cristianismo, e, fazendo isso, termina por produzir uma crítica às formas que, à época, passavam-se por cristãs sem o ser.

O autor nos lembra que *“devido ao muito saber, a gente se esqueceu do que é existir, e do que pode significar interioridade”* (KIERKEGAARD, 2013, p. 262). Assim, o tornar-se cristão não é uma questão apenas nominal. Trata-se de um pacto extraordinário que se impõe na vida ordinária do sujeito. Ser cristão nos custa, acima de qualquer coisa, a coragem e o compromisso de *vivermos* de maneira digna do evangelho de Cristo²⁵.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. **O alienista**; introdução de John Gledson; notas de Hélio Guimarães. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

DICKENS, Charles. **Um conto de duas cidades** [Título original: A Tale of Two Cities, 1859]. Tradução Sandra Luzia Couto. São Paulo: Nova Cultural, 2011.

KIERKEGAARD, Soren. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus**. Editora Vozes. 3ª edição, 2011.

KIERKEGAARD, Soren. **O instante**. Editora Liber Ars, 2019.

KIERKEGAARD, Soren. **Ponto de vista explicativo de minha obra como escritor**. Edições

25 Vide Filipenses 1:27-30.

70 - Lisboa, Portugal.

KIERKEGAARD, Soren. **Pós-Escrito às Migalhas filosóficas**, vol. I. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD'S. **Journals and Papers** (6 Vols plus Index) ed. & trans. Howard & Edna Hong. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1967.

KÜNG, Hans. **Theologie im Aufbruch**: Eine ökumenische Grundlegung. München: Piper, 1987.

LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. Traduzido por Estevan Kirschner. 1ª ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MACGRATH, Alister E., 1953 - **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a teologia cristã; tradução Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada** – São Paulo: Vida Nova, 2017.

ORTEGA Y GASSET, J. **Temas de viaje**. El espectador IV. Obras completas. 3ª reimpresión. v. II. Madrid: Alianza, 1998.

PAULA, Marcio Gimenes de. **É Preciso Duvidar de Tudo?** *Philosophos* - revista de filosofia. Ano 8, n.2, pp 273-276, jul/dez 2003.

ROOS, Jonas. **10 lições sobre Kierkegaard**. 2ª ed. Revista – Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

VALLS, L. M. Álvaro. **Sobre as críticas ao cristianismo e à cristandade em Nietzsche e em Kierkegaard**. Síntese, Belo Horizonte, v. 34, n. 110, 2007.